

Ideologia, política, cultura: passo a passo

Décio Pignatari

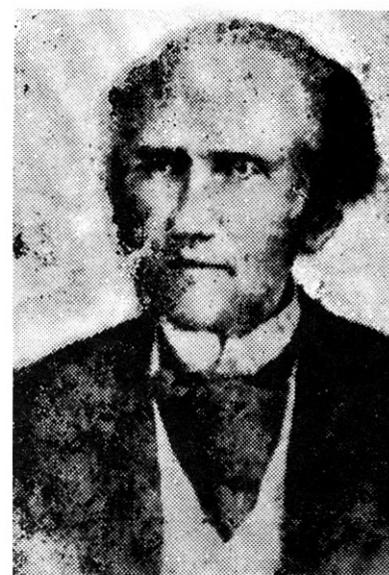
Certas datas emitem energia e descargas significantes, como baterias históricas; são *data*, dados, no sentido da informática, continuamente processados para a geração de significados. 1895: suicida-se Raul Pompéia, misógino, simbolista da prosa de ficção, florianista feroz e fracassado, positivista pelo avesso: o caminho está aberto para os poetas parnasianos positivistas do sistema, com Olavo Bilac à frente; 1896: inicia-se a campanha de Canudos, sob o primeiro governo civil da República, o de Prudente de Moraes: explode o gênio do positivista Euclides da Cunha, acusando uma contradição republicana enorme: Canudos foi um genocídio. Não significaria isto que há várias raças e povos vivendo, e mal vivendo, sob uma rubrica falsamente homogeneizadora, Estados Unidos do Brasil? Por que as secessões não vingaram até hoje – e sim as sucessões de elites e castas? Freud publica *A interpretação dos sonhos* em 1900; dois anos depois, é a vez da interpretação dos pesadelos brasileiros: sai *Os sertões*, de Euclides da Cunha. O Brasil entra no século XX mediante um trauma de parto, a fórceps: teriam os seus miolos sido afetados?

De que revoluções falamos? Temos as político-ideológicas, as sociais, as tecnológicas, as industriais. No Brasil, nunca distinguimos umas das outras, mas elas se dão em caminhada paralela, passo a passo, por atrasados ou adiantados que estes estejam. 1870: o poeta maranhense Joaquim de Sousaândrade, republicano ferrenho e feroz, depois de

DÉCIO PIGNATARI é professor da FAU-USP, poeta, tradutor e ensaísta. É autor de, entre outros livros, *Poesia pois é poesia* (Editora Brasiliense) e *A signagem da televisão* (Editora Brasiliense).

Da esquerda para a direita: Raul Pompéia, Euclides da Cunha e Souzaândrade

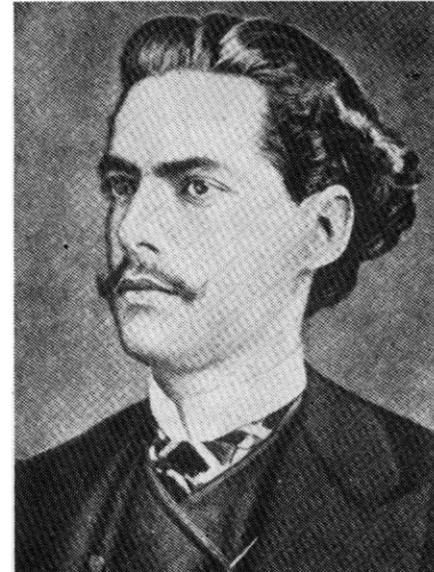
Cortesia SBD/Leitras



ter estudado engenharia em Paris e Londres, leva um choque industrial em Nova York e escreve um poema fantástico e goethiano sobre Wall Street, o primeiro, no mundo, sobre o tema. Poucos anos antes, Castro Alves, escrevendo contra a escravidão, mas não contra o império ou a favor da república, plagiava Heine, com seu “Navio negreiro”. Pedro Américo nutria secretamente sentimentos republicanos, mas dependia das bolsas imperiais: o seu “O grito do Ipiranga” só fica pronto em 1885, na agonia do império. Em 98, a jovem república consegue massacrar os xiitas de Canudos; nesse mesmo ano, o cadáver do grande poeta negro catarinense Cruz e Souza chega ao Rio num vagão de gado, vindo de Minas, onde morrera tuberculoso. Nesse passo e espaço, nesse tempo e entretempo, o que é que isso quer dizer? Quer dizer que há um descompasso entre a máquina pensamental ideológica e a realidade sócio-cultural. Ou seja: a república militarista e positivista estava cooptando intelectuais, no sentido de promover e realizar um Brasil moderno, industrial (tal como Vargas fará, mais tarde, com os próprios comunistas, sob a égide do nacionalismo) – mas, em verdade, estava promovendo o atraso. Os parnasianos bilaquianos ocupavam todos os espaços culturais da capital federal – todas as mídias da época – com uma mensagem velha e arcaica, enquanto os simbolistas, muito mais avançados quanto à nova sensibilidade, eram empurrados para a província. Não pereceram, contudo. Ao contrário, como mostrou Andrade Muricy: em três décadas, estavam triunfando por toda a parte, prenunciando o modernismo até nos grandes centros difusores da cultura. Como foi isso possível? O jornal; a imprensa ajudam bastante a iluminar o fenômeno. Nos fins do Império e incílios da República, quando o país contava com mais de 70% de analfabetos, a imprensa se espalhou pelos rincões os mais imprevisíveis. O jornal e o jornaleco foram a televisão da época – para os letrados. Máquinas e gentes exibiam um tempo ocioso considerável – e imprimiam livros. A poesia simbolista explodiu guerrilheiramente, enquanto os parnasianos se entrincheiravam nos perfumados salões da capital republicana. Contradições da lógica, ou lógica das contradições – há sempre aqui discursos fáceis e fascinantes. É assim que Raul Pompéia, o único prosador simbolista de importância, graças ao seu *O Ateneu*, defende o ditador militarista Floriano Peixoto, que detestava os civis – os “casacas”, como os chamava; Floriano, justamente, um positivista alucinado! Com a derrocada do “marechal de ferro” e sob a pressão dos parnasianos que, aparentemente, defendem a república civil, Pompéia será levado ao suicídio (o longo e elaborado ensaio que Araripe escreveu sobre sua vida e sua obra se constitui no melhor estudo literário brasileiro do século passado). Os parnasianos, em verdade, defendiam uma cultura emblemática e morta. Bilac defenderá o serviço militar obrigatório e terá seu retrato pendurado em todas as salas de aulas. Machado de Assis, nostálgico do Império, escreverá suas melhores obras no declínio da monarquia e será glorificado na República, de casaca e cartola, quase ao mesmo tempo que Euclides.

E aqui vale apontar, apenas apontar, um fenômeno nada estudado pelos sociólogos da cultura brasileira: um certo vínculo de solidariedade ideológico-cultural entre os ex-

Machado de Assis, Cruz e Souza e Castro Alves



escravos e os imigrantes que os vieram substituir. Não são poucos os que incriminam a ausência de “brasileirismo” em Machado de Assis, tentando opor-lhe a brasilidade do mulato Lima Barreto, nem por isso menos oprimido. Foram negros três dos melhores escritores brasileiros do século passado: Machado, Cruz e Souza e Kilkerry (este, em verdade, fazendo a transição para o século atual). Os três são internacionalistas. Como poderia ser diferente? Como pretender que fossem nacionalistas aqueles cujos ascendentes foram seqüestrados, escravizados e torturados pelos senhores luso-brasileiros? A situação deles, à época, era semelhante à dos índios atuais – que são raças e nações dominadas pelos mesmos senhores, classe dominante ora acrescida dos descendentes dos escravos e dos imigrantes “assimilados”. E como pretender que os imigrantes não fossem internacionalistas, vindo, como vinham – além do mais – trazendo um repertório superior na bagagem do exílio voluntário, pertencentes à terceira geração da revolução industrial, embora oriundos do campo, na maior parte?

Esmagada Canudos, a primeira República ingressa na *belle époque*. Mas o mundo civilizado europeu parece dar mostras de enfado em relação a essa bela época – tentando esconder suas contradições – e parte para a barbárie: é a Primeira Guerra Mundial, que terá imediata influência na cultura brasileira. O cinema já está produzindo obras-primas, como *O nascimento de uma nação*, de Griffith, de 1917; os arranha-céus de Nova York espantam Bilac, que faz mais um soneto; surge Dadá, após a revolução cubista, que encontra em Apollinaire o seu primeiro defensor teórico – mas o grande poeta morrerá apenas terminado o conflito; Debussy, Schoenberg e Stravinsky já detonaram os arraiais da música tonal; Proust está concluindo sua busca do tempo perdido. No Brasil, a exposição de telas modernas de Anita Malfatti provoca a ira de Monteiro Lobato. Mas, com a alta do café nos mercados internacionais, as condições estão criadas para a deflagração da Semana de Arte Moderna. A revolução bolchevique e a fundação do Partido Comunista Brasileiro não terão grande influência no evento: sua influência só se fará sentir nos anos 30, após a revolução varguista, e após o *crack* da Bolsa de Nova York: estes eventos conjugados determinarão a morte da fase experimental dos modernistas e o surgimento do romance regionalista do nordeste – embora Oswald de Andrade continue tentando inovar, mas na área do teatro.

O aventureirismo especulativo ianque dava nova força aos ditadores, de direita e esquerda: Mussolini, Stalin, Salazar, Hitler, Franco. E Vargas: “Vamos fazer a revolução antes que o povo a faça”, 1930. É o fim do modernismo, é o fim da cidade, é o fim da industrialização. Voltam a prevalecer o campo e o latifúndio dos tempos do Império. Getúlio Vargas consegue cooptar o operariado – com a ajuda organizacional de Roberto Simonsen, o Mauá do sistema corporativista brasileiro, e com a inestimável colaboração do PCSB, Partido Comunista Stalinista Brasileiro. O efeito é imediato. Até o catolicão quase-latifundiário Oswald de Andrade (com o empurrão decisivo de Pagu, sua musa hippie-anarco-comunista) se converte ao comunismo, em menos de um ano! Resumindo: a guerra de 14 criou o nosso modernismo, o *crack* da Bolsa de NY acabou com ele e

Lima Barreto e Monteiro Lobato

Cortesia SBD/Letras



Junho
Julho
Agosto
1990

R E V I S T A
WSP
167

incentivou o romance regionalista: não há reserva de mercado no mundo da cultura.

Com a vitória dos aliados na Segunda Guerra Mundial e a queda do ditador Vargas, o Brasil democrático reabre as suas portas, atualiza-se a cultura por toda parte: são os museus e os teatros modernos, é a Bienal de S. Paulo, as companhias de cinema, os salões de arte moderna, os suplementos culturais da imprensa, as primeiras orquestras sinfônicas, o futebol melhor do mundo, Brasília, o *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, que encerra brilhantemente o ciclo regionalista, mesclando-o de experimentalismos joycianos; a bossa-nova, a poesia concreta, a arte concreta, a música serial.

Mas essas “atualizações” são tardias manifestações da Primeira Revolução Industrial, de natureza mecânica. Mal a cultura brasileira ingressa na modernidade, e esta já está sendo superada, rumo ao período pós-moderno, resultado da Segunda Revolução Industrial, de natureza eletroeletrônica, do processamento de dados, das telecomunicações.

Após o assassinato de Kennedy, com a dessegregação racial, a guerra do Vietnã, as viagens aeroespaciais pioneiras, tem início o movimento contracultural dos anos 60. Começam a ruir os grandes sistemas: os jovens já não aceitam o mundo enquadrado dentro de um sistema ideológico e teleológico que aponta para saídas pseudoparadisíacas. Explode a cultura pop.

Enquanto o mundo se abre, o Brasil se fecha, em mais um lamentável episódio das fardas contra os “casacas”: é a longa noite do “Brasil Grande”. Embrulhada entre ambas, a cultura brasileira sai choramingando e gritando pela MPB, pelo cinema, pelo teatro, pela poesia dividida entre um retorno do discurso e um avanço de seu curso. A esquerda brasileira, que desconhece Gramsci, é tão reacionária, que é preciso que um ex-camisa verde, seguidor de Plínio Salgado, venha revolucionar o teatro, com o *Rei da vela*, para espanto do cadáver de Oswald de Andrade, enquanto Nelson Rodrigues, inspirado em Oswald, mas freudpsicologizante, mergulha em revoluções mento-intestinais...

Finda a ditadura dos quatro generais, a esquerdofrenia estalinista está esgotada, juntamente com os falcões da guerra. Não há mais guerra, não há mais revolução. As idéias do século XIX estão exauridas. Em consequência da atuação de Stalin, os partidos comunistas brasileiros e latino-americanos em geral são os únicos partidos ideológicos que são fisiológicos: como a revolução não é possível, o jeito é infiltrar-se na máquina estatal. Com a *perestroika*, os incuráveis (ex)stalinistas voltam a querer reescrever a história, com Ferreira Gullar à frente.

E continuamos defasados. A era pós-moderna, que encontrou expressão, pela primeira vez, no prefácio-manifesto de Robert Venturi para o seu *Complexidade e contradição na arquitetura* (MOMA, 1964), já está sendo etiquetada e arquivada e estudada – e nós ainda sequer ingressamos nela! Com nossos 30% de analfabetos, uma economia entravada pela estrutura elitista colonial-varguista... da borduna aos chips, temos amplo leque para desenvolvimentos culturais animados... e pacíficos.

Getúlio Vargas e Oswald de Andrade



Cortesia SBD/Ciências Sociais



Cortesia SBD/Letras